

O BRASIL ILUSTRADO

PUBLICAÇÃO LITERARIA.



CÓRTE E BISTEROV.

Seis meses, 30000; um anno, 16000.
As oito páginas avulsa, 10000.

N. 9, Vol. 1.

SEGUNDA-FEIRA 31 DE MARÇO DE 1856.
Escriptorio, rua da Cons., 165.

PROVÍNCIAS E EXTERIOR.

Seis meses, 10000; um anno, 30000.
As dezesseis páginas avulsa, 5000.



Sumário.

HISTÓRIA HOLLANDEZA. — Antiga história dos Países-Baixos até o século XVI. — SCÉNCIA MÉDICA. — Cholera-morbus. — LITERATURA. — Biographia. — GIGLIO-GIAO. — Culto exterior. — POEMAS. — Perder-te? No álbom de uma jovem. — VARIÉDADES. — Primo Rizal. — Memórias do general Rosiopochine. — REVISTA DA QUINZENA. — GRAVURAS. — Caricaturas. — Fígurines.

História hollandeza.

ARTIGA HISTÓRIA DOS PAÍSES-BAIXOS ATÉ O SÉCULO XVI.

A cidade de Bruges, em Flandres, era no século XIV e XV o ponto central de todo o comércio da Europa, e o grande mercado de todas as nações. No anno de 1468 contártio-se 150 navios mercantes que entráram de uma só vez no porto de Sluys. Além dos ricos estabelecimentos da liga hanseática, existiam ali 15 companhias comerciais, muitas fábricas e numerosas famílias de negociantes de todos os produtos da Europa. Aqui estava o depósito de todos os produtos do norte para o sul, e de todos do sul e do Levante para o norte. Estes erão embarcados em navios hanseáticos pelo Sund, e pelo Rheno para a Alemanha superior, ou erão transportados pelo Aches para Brunschwig e Lueburgo.

É marcha natural das coisas humanas trazer ampla liberdade, ampla prosperidade. Só o exemplo sedutor de Philippe o Bon, podia prolongar esta época. A corte dos duques de Burgonha era a mais fastuosa e magnífica da Europa. O trajar dispendioso dos grandes, que serviu depois de norma aos hspanhoes, passou por fim dos usos burgonhinos para a corte da Austria, descendo logo ao povo por tal modo que o burguez mais humilde trajava-se de seda e veludo. Da prodigalidade, diz um escriptor, Comines, que visitou os Países-Baixos no século XV, passou-se a vaidade. O luxo e a riqueza do trajar foram levados pelos dous sexos a um ponto de exageração extraordinaria. A gastronomia e o fausto da mesa nuncia chegárdio em parte alguma ao

extremo a que aqui chegárdio. A comunidade immoral dos banhos entre os dous sexos, e outras identicas reuniões, que despertáro a concupiscencia, tinham banido todo o pudor — e não se trata aqui só da indolencia proverbial dos grandes; a mulher da mais ínfima classe do povo entregava-se sem regra nem pejo a estas revoltagens extravagancias.

Todavia quanto não é mais grato para o filantropo esse mesmo desarregamento de costumes, do que a hedionda mordidez, e a estupida grosseria de uma virtude ferina e hypocrita que estiu opprimido quasi todo a Europa! Assim sobrevalia a época da grandeza de Burgonha nesses séculos de trevas, como um dia de amena primavera despondo por entre as nevoadas do estio.

Mas essa mesma profusão perdeu Flandres, Gand e Bruges, trastorlendo em liberdade e abundancia, declarão guerra ao Senhor das onze províncias, Philippe o Bon, que desastrosos terminou para elas como tinha sido emprehendida. Só na batalha do Haverde perdeu Gand muitos mil homens, tendo de espiar seu crime para com o vencedor pagando-lhe uma imposição de muitos milhões de florins. Todas as autoridades, e os principais cidadãos, em numero de 2,000, tiveram de ir descalços e descobertos ao encontro do vencedor, na distancia de uma legua, pedir-lhe graça. Por esta occasião foi-lhes tirado muitos privilégios; perda irreparável para todo o seu comércio futuro. Também no anno de 1484 não forão mais felizes com a guerra que tiveram com Maximiliano da Austria, quando este se aposou arbitrariamente da tutoria de seu filho; em 1487 foi preso na cidade de Bruges o arcebispo, e executados alguns dos seus principais ministros. O imperador Frederico III, mettendo tropas em seu território, afim de vingar seu filho, e bloqueou o porto de Sluys por espaço de 10 annos, por cujo motivo declinou o seu comércio. Nestes sucessos, Amsterdam, cujo ciúme pela prosperidade de Flandres se achava despertado, prestou-lhe valiosos serviços. Os italiani principiarão a exportar suas sedas para Antuerpia, e os fabricantes de pannos de Flandres, que tinham emigrado para Inglaterra, para ali remetendo suas mercadorias, por cujos

motivos veio Bruges a perder um dos seus principais ramos de comércio. O seu orgulho exagerado, que de á muito havia offendido a liga hanseática, fez que esta também a abandonasse transportando suas fátorias para Antuerpia.

Antuerpia principiou no século XVI o comércio que a felicidade das cidades de Flandres tinha regalado, de modo que sob o reinado de Carlos V, era aquela cidade a mais florente de todo o mundo. O Scaldia, cujo fluxo e refluxo erão communs com as águas do oceano, trazendo mais alterosos navios até debaixo de suas muralhas, tornando Antuerpia um dos principais pontos de escala dos barcos que frequentavão estas costas. O seu mercado livre atrahia negociantes de todas as partes. A industria achava-se no apogeu de florencia. A agricultura, de lá, a caça, a pesca enriquecida os habitantes do campo, as artes, as manufacturas, o comércio abastecido as cidades. Os produtos da industria de Brabante e de Flandres já tinham vistos na India. Seus navios sulcavão todos os mares, e até no Mar-Negro rivalizavão com os genoveses. Os marítimos dos Países-Baixos tinham a propriedade de navegar em todas as estações sem nunca invernavam.

Apezar do descobrimento de um novo caminho pelo Cabo Africano, e de ter o comércio português supplanted o comércio do Levante, os Países-Baixos não ressentirão a reacção do golpe dado ás repúblicas italianas: os navios portugueses armavão-se em Brabante, e as especiarias de Calcutá abundavão no mercado de Antuerpia. Para ali affluíto as mercadorias das Indias orientaes, com as quais a ociosidade hspanhola pagava a industria dos Países-Baixos; para ali trouxerão as cidades anseantes suas manufacturas do norte, e a companhia inglesa estabeleceu suas fátorias. A arte e a natureza puração fazer aqui exposição de todos os seus tesouros, era uma magnifica exposição das obras do Creador, e das dos homens.

O seu renome espalhou-se bem depressa por todo o mundo. No fim deste século uma companhia de negociantes turcos havia pedido permissão para ali se estabelecer, fazendo importar do Oriente por via da Grecia; com o comércio

das mercadorias cresceu a necessidade do comércio monetário; suas letras de cambio eram aceitas em todas as partes do mundo. Anterior, porém, fazia mais em um mês, isto é, muitas mais e maiores transações comerciais do que em dois anos, no tempo de seu maior esplendor. No anno de 1591 fez a liga anglo-alemana a sua reunião solemne, que ate outubro, entra em Lubeck, em 1593 edificou-se a mais bela então da Europa. Contava, nesse tempo 100,000 habitantes; a cota de movimento alliua aqui, e excesso a tudo quanto se pode imaginar. Trinta mil mastros erguia-se muitas vezes em seus portos; não havia dia no qual não entrassem mais de quinhentos navios; nos dias de feiras subia este numero a oitocentos e novecentos. Mais de duzentos carros voltavam diariamente pelas suas portas, mais de 2,000 outros de frete vinham todas as semanas d'Allemânia, da França, e da Lituânia, muitos do campo com sacras, cujo numero subia a mais de 10,000, entravam e saíam. Só a companhia inglesa ocupava dos 30,000 braços. O governo recebia milhares dos impostos. Faziam ideia dos recursos desta nação, quando soubermos que os impostos extraordinários que Carlos V creara aqui para alimentar as suas muitas guerras, subiam a mais de 10 milhões de ducados.

Toda esta prosperidade devia os Países-Baixos a sua liberdade, e a teiz satiação do seu povo. Se les vacantes, e a vontade despotica de um príncipe salteador, terão destruído as vantagens de uma natureza benigna lhe havia prodigado com tanto esmero. Se a inviolabilidade social das lvs pode assegurar aos cidadãos os frutos de sua indústria, e inspirar-lhe essa feliz confiança que a alma de toda a actividade.

O gêno desta nação, desenvolvido pelo espírito de comércio e das transações mercantis com tantos povos, enobreceu-se com descobertas meias, no seno da abundância e da liberdade prosperava todas as artes liberais. Da Itália ilustrada, a qual Cosme de Médicis havia restituído a sua idade de ouro, transplantáro-se para os Países-Baixos a pintura, a arquitectura e a gravura, que aqui acharão uma outra pátria na qual, em novo terreno, se expandiu em novas flores. A escola Flamenca, filha da italiana, competia com sua mai, e de commun deixa as Beiras-Atles em toda a Europa um impulso maravilhoso. As manufacturas e as artes, sobre as quais os Países-Baixos fundavam sua prosperidade, e que ainda hoje constituem o princípio de sua vida civil e política, não necessitam de mais comendários. Os tecidos de tapetes, e pintura de oleo, a arte de pintar sobre vidro, a tricômeria, como Ginecariânia alfinata, são primavais de invenção dos Países-Baixos; a elas se deve o merecimento da Hussula, cujo ponto ainda hoje e conhecido pelo nome hollânder. No anno de 1582 foi descoberta a imprensa em Haia, e nisso a sorte que esta arte tão útil, um seculo depois recompensasse sua pátria com a liberdade. Ao gêno mais fecundo para novas descobertas temia este o talento feliz de melhore o estatuto, e o que em si já possuia, poucas artes mecanicas e manufatureiras há que não fossem ou criadas nesta terra, ou naq; obtivessem nella maior perfeição.

FRANCISCO JOSÉ RODRIGUES.

SCIENCIAS.

Reflexões philosophicas

sobre a mortalidade da alma, procedendo em ella por experientia res directe de sua mortalidade. A alma não tem essencia porque é essencia do corpo, e como tal não pode ser dissimilada. Esta é a substancia do mesmo, como causa de sua forma phisica, e chama-se tambem causa causa natural.

Não é por meio de uma vâ philosophia, que se pode chegar ao exacto conhecimento de que é alma; mas sim pelo de uma philosophia auxiliada de outra sciencia muito mais propria, na qual se acha, pela sua intima relaçao scientifica com aquella, esse exacto conhecimento, que ella se não pode

demonstrar; e para esse fim só a phisiologia nos pode servir, por ser a que nos ensina a maneira porque o nosso corpo funciona, e por conseguinte o que é ella dentro do mesmo. Prescindindo por de mais preambulo, entraremos no assunto.

Pois que a alma seja imortal e mysterio provavel a sua forma fora do corpo, o que é impossivel, pois muitos philosophos ainda ate hoje nisto poderão fazer. Se, como diz Chateaubriand, a alma forta do corpo depois de morto transforma-se em sombra perante Deus, para gozar da beatitudine mercêndoa, perguntaremos, qual sera a sua forma não a merecendo? E como sombra, perguntaremos mais, qual sera a sua duração? Pois é crivel que Deus queira estar entre sombras? Nenhum philosopho ainda pôde decidir esta incerteza.

Quem não vê, que segundo os principios de phisiologia, sendo a sombra o reflexo do corpo contra a claridade, esta não pode existir por algum outro meio? Porém, admitindo-se essa forma, não sóta ainda mais aos olhos esse erro, desde que reflectirmos, que como tal elle não pode ter gozos e sofrer penas, porque a sombra não pode ter o sentimento do gozo e muito menos o da dor? Porem qual sera a distinção entre a alma e o corpo? Provamos.

A nossa alma pode dar-se tres denominações: espirito, alma, calorico animal, que é o unico principio de nossa organisação e força phisica. O calorico pois é internamente sujeito a augmento ou diminuição, conforme as circumstâncias que influem na nossa organisação phisica, proveniente do nosso sistema alimenticio, e das diferentes causas que ocorrem no desequilibrio das funções de nossos órgãos internos, podendo por excesso, ou totalmente aniquillado, darmos a morte.

Sendo porem a morte o desaparecimento da vida, o seu fim, isto é, o aniquilamento total das funções de todos os nossos órgãos, os quais recebem desse calorico o seu principio vital, prova evidente de ser elle também a causa da fecundação do ente no ventre materno, onde elle o principal gerador do nosso corpo, segue-se inquestionavelmente, que extinguindo-se o mesmo de todo, perdemos a vida. Por tanto, residindo esta em todo nosso corpo, em consequencia do calor gradual, efectuo do calorico vital, que por todo elle se acha internamente espalhado, segue-se também que fora do mesmo elle não pode adquirir outra forma, ou ter outra existencia; e que assim como o corpo não pode existir sem elle, também elle não tem existencia alguma fora deste, e que de sua completa extinção nos provem a morte; e por isso e elle que infelizmente em nos produz a vida. Nem se diga com Gruzel, que a alma tem uma força distinta da do corpo, quando como já dissemos é ella a causa da sua força phisica. Calorico, espirito, alma e força pois, são uma e mesma cosa.

Temos assim demonstrado o quanto se acha identificado a philosophia com a phisiologia, e que o contrario se não podera sustentar. Como podemos provar a maneira porque morremos, se ignorarmos a porque fomos gerados, e como funciona em nosso corpo a alma? Se phisiologicamente — philosophicamente o poderemos fazer; e é sem duvida este o ponto philosophico, para cuja acertada solução estas ditas sciencias mais se identificam; e só por meio de ambas podemos provar a imortalidade, ou mortalidade de nossa alma, sendo que nos decidimos convintamente por admitir a sua mortalidade.

Trataremos agora de provar, como segunda parte destas nossas reflexões, a maneira porque a materia é de mais duração do que a alma, sem que todavia ella valha mais do que esta.

O homem gerado da semenza pelo calorico natural, é argo vital do lugar proprio onde ella existe o tempo preciso, recebe, desde que esta se transforma em ente, esse mesmo calorico interno que ali é gerou, e que assim que elle nasce o viviua até a sua definitiva conformação, augmentando em proporcão que o corpo cresce; e ao nascido da vida os mesmos signaes que da quando morre, se não morre repentinamente; e com quanto peso que ja deu dato e ainda diremos, se veja que a alma é inquestionavelmente a parte mais mortal, e do corpo, ostava em ella menos duração do que este. Iremos isto-s.

Alguns philosophos, que sustentão a metempsicose da materia, não reflectirão que nem o mesmo mundo é eterno; porque segundo a escritura sagrada, tendo este de durar somente seis mil annos, com elle deve acabar tudo quanto em si encontra, excepto Deus seu autor, vindo assim a materia, admitida essa metempsicose, a ter apenas mais duração do que a alma.

O nosso corpo depois de morto, soffrendo por meio da putrefação corruptiva em que se torna, uma completa estrangulacao, reduz-se a vermes no centro da terra; e a parte ossos mais duradoura, por fim tambem se transforma na mesma terra; esta pois assim evidentemente provado, que a materia tem sim mais duração do que a alma, porém não é eterna na sua metempsicose como avançou alguns philosophos, porque o mesmo mundo não é eterno.

Porem parece extraordinario, que a alma vivificando a materia, se extingua completamente, e que esta vivificada por aquella, tenha mais duração, porque se separam do corpo, e mudam d'espécie? Pois é o que evidentemente se vê, reflectindo-se attentamente no seguinte raciocinio.

Nada mais facil do que provar-se, que uma cosa por ser mais benfeita, e de mais valor de que outra, não tem por isso só mais duração. Não temos em nos mesmos, além de outros, o exemplo deste acerto? Acaio não vemos entes dotados de rara formosura e perfeição, de transcendente talento, genios mesmo, morrerem primeiro do que outros em sentido contrario? Objectos os mais benfeitos, quebrarem-se mais facilmente do que outros grosseiros e solidamente construidos? Como pois duvidarmos da maior duração da materia, embora sujeita à corrupção! Entretanto aos que não perceberem a força desta verdade, por talvez parecer-lhes um erro, proval-a-he-mos mais cabalmente.

A materia reduzida à terra e de mais duração, não tem superioridade alguma sobre a alma mortal, que a vivilicou; e esta, ainda por uma outra razão muito attendivel, não pode ser imortal, porque seria querermos igualar nossa alma a de Deus nosso autor, unico em quem só se pode admitir como infallivel essa imortalidade, por ser o principio d'onde dirivão todas as causas creadas e por criar. Além disso, tambem esta chavinamente provado, que toda qualidade d'espirito se extingue, e não tem eterna duração.

A explicação, mesmo sucinta, da maneira porque o ente se gera no ventre materno, mais nos convencerá da mortalidade d'alma, e da maior duração da materia.

O ente principia a gerar-se da semenza pela parte externa do corpo ate a sua completa organisação interna; e por aqui já se vê, que a carne e ali a primeira a formar-se; e o coração um dos primeiros órgãos do corpo, é o primeiro a dar o signal da vida deste assim que nasce, da mesma maneira que o dâ quando morre, sendo o ultimo que deixa de funcionar; e embora muitos medicos philosophos não admittão a morte em quanto o corpo não caile em putrefação, todavia na maioria dos casos, esse signal segundo do total e persistente restriamento do mesmo, é um signal infallivel da morte, em consequencia do desaparecimento completo do calorico vital interno. De maneira, que principiando o ente a formar-se exterior e gradualmente, tambem externa e gradualmente principia a extinguir-se dentro da terra. Triste coincidencia de nossa vida com a nossa morte, porém infallivel realidade.

Resumindo finalmente estes nossos principios philosophicos, diremos, que as boas e as doutrinas religiosas a que desde de nossa tenra infancia nos acostumâmo, nem se nos conteste esta verdade, é que faz com que implantada no nosso tempo espirito a ideia da possibilidade da imortalidade de nossa alma, nos acreeditemos por isso nessa outra existencia, que a religião nos diz estar reservada na pátria celeste para premio dos bons, sem reflectirmos que esse premio é inferior à nossa primeira existencia pela forma de sombra que o já citado philosopho diz que Deus dá à nossa alma, e pela que outros não sabem explicar, tornando assim ridiculo esse premio, o que não é admisssivel em Deus; e só o desejo que nutrimos da realização do gero dessa outra futura vida, faz com que por mais que reflectamos sobre a natureza dessa nossa outra forma, que o nosso espirito possa ter fora do corpo na presença Divina, levará a nos

abracar a fé dessa promessa que a religião nos faz, na impossibilidade de chegarmos a um perfeito conhecimento dessa nossa nova forma, que escapa a nossa limitada compreensão, animando-nos porém a esperança da realização desse desejo, para d'alo tirarmos a afirmativa dessa nossa outra futura vida! E assim atravessamos uma existência inteira, até que se extingue o nosso espírito, sem na realidade podermos nunca chegar ao exato conhecimento dessa nossa outra futura existência! Nem se nos diga que isto é ante religioso!

A religião, como lei moral, pela qual nos guiamos neste mundo, em relação aos nossos deveres para com a Divindade, pode dar-nos a noção dessa promessa, que nos foi transmitida de Deus a posteridade; mas não pode convencê-nos de sua realização, se a não preceder o embelhimento dessas suas doutrinas religiosas na nossa tenra infância; e tendo nos já provado, que a nossa alma na qualidade d'espírito não pode permanecer fora do corpo, segue-se que nem ella pode vagar pelos ares, nem como tal existir perante Deus; porque nem como espírito fóra do corpo, nem como este transformado em sombra, pode ter a menor persistência, e suster-se na celestial morada.

L. M. PINHEIRO.

N. B. O leitor considerara como não existente, no último parágrafo do artigo antecedente a palavra utilissimas na língua em que está, escapada ao Sr. compositor.

SCIENCIA MEDICA.

Cholera-morbus.

Os homens e todos os mammíferos devem a sua existência ao ar que respiram e aos alimentos nutritivos.

Vejamos como se opera a respiração.

Todas as raças do gênero homo, tem na cavidade thoracica um órgão chamado pulmão contendo duas cavidades, por ser o órgão dobrado, as quais se abrem na artéria bronquica por um canaduço que tem comunicação com o ar exterior, esse conduto penetra no peito donde se bifura e forma os bronquios que se subdividem em numerosas ramificações semelhantes as das arvores e acabam n'uma pequena cavidade ou saco, a ação dos músculos comprime e dilata alternativamente a capacidade d'esses tubos, o ar exterior atraihido e expulso por esse mecanismo acha-se também alternativamente em contacto com as paredes d'essas cavidades e se renova continuadamente. Além d'isso um tronco arterial saíndo da cavidade direita do coração dirige-se em sentido inverso, dividindo-se como a trachia arteria em canais ramificados que envolvem os conductos aéreos, depois reúnem-se gradualmente e voltam por um conduto unico a parte esquerda do coração; o sangue percorre todos os canais, infiltrando no dobro tecido das artérias e das vias aéreas em contacto com o ar trazido do exterior pela respiração. En quanto se realiza esse admirável fenômeno, uma ação química desenvolve-se; o ar atmosférico quando entra na torrente circulatoria está carregado de oxigénio tão necessário e mesmo indispensável para a vida animal e quando expelido acha-se saturado de gaz ácido carbonico essencialmente letal.

Sendo estes os principaes da sciencia, salta a vista de todo homem que tem alguma instrução que toda aglomeração de corpos humanos, principalmente morbosos, n'uma localidade ananhada como são os hospitais dos cholericos no Rio de Janeiro deve forçosamente viciar o ar, lançar na atmosfera torrentes de ácido carbonico e ser causa do desenvolvimento das epidemias. O governo bem inspirado não deve permitir os cemiterios e os hospitais se não no campo donde as torrentes de gaz ácido carbonico que lançam os cadáveres e os corpos morbosos são absorvidos pelos vegetaes que são os canais pelos quais os elementos minerais do globo passam para os corpos dos animaes, em consequencia da lei da absorção. As plantas absorvem o ácido carbonico que a respiração dos animaes, a fermentação e a combustão lancão continuadamente na atmosphé-

ra, e approprião-se o carbono desse gaz de modo que o oxigénio que elas exhalão em grande quantidade se torna puro, uma parte desse oxigénio derrama-se na atmosphera durante o dia e é absorvido pelos homens e os outros animaes. Tendo se destruído a vegetação a atmosphera que bomba a capital do império se acha viável, não havendo mais absorções pelas arvores que sombrajavam a magnifica baixa netheroyense os mimosos pátudosos saturados de ácido carbonico que se exhalão das praias e dos lugares infiltrados pelas águas dormientes corrompem a atmosphera, dahi a febre de Macau ou thypho, a febre amarela o cholera-morbus do qual vamos tratar, indicando as diversas fases da enfermidade que temos observado nos mesmo na cabeceira de centenas de cholericos em Paris, em Marselha e no Rio de Janeiro.

Primerio período — perda de apetite, abatimento phisico e moral, vertigens, secura, língua mucosa olhos rodeados de um círculo obscuro ou lívido, pezo, e as vezes, dores agudas no epigástrico, dejeções líquidas abundantes, borborygmos colicativos, pulso acelerado, as vezes irregular, calor da pelle augmentado.

O segundo período que sucede rapidamente ao primerio — vomitos biliosos seguidos de um líquido esbranquiçado semelhante ao soro de leite turvo, evacuações alvinhas mais abundantes e frequentes, líquidas serosas, contendo flores albuminosas parecendo-se com agua de arroz cozido contendo enclustringa algumas parcelas dessa graminha, esses flores contêm animaculos microscópicos instantes depois do seu contacto com o ar atmosférico o que torna a observação mais difícil. As vezes as evacuações são repentinhas e involuntárias, essas evacuações e as emanações dos corpos cholericos exalado um fedido particular, sanguinário, que caracteriza especialmente a enfermidade no segundo período e que não exhalava muitos doentes no Rio de Janeiro, cephalalgia cada vez mais activa, o rosto colora-se de uma vermelhidão fulgurante, as palpebras tornam-se roxas, calambres nos artelhos, nas pernas e nas coxas, língua chata mucosa, viscosa, pallida, angústia, opressão, constrição dolorosa no peito, movimentos convulsos, palpitacões violentas. O tronco enlaçado, no tâ abdomenável batem com força, secreção das urinas suspenso, pulso lento, concentrado, intermitente, pelle gelada, prostração total de forças.

O terceiro período que sucede ainda mais rapidamente que o segundo — Face lívida, roxa olhos encovados nas orbitas, molas roxas sobre a conjunctiva ocular, supressão das lagrimas, as palpebras ríjas e as vezes convulsas, pelle roxa, depois azulada, cyanose, ecchymoses da mesma cor as vezes pretas. A pelle enrugua-se nas palmas das mãos e dos pés, torna-se seca semelhante ao pergaminho, voz rouca, extinta, no entanto as vezes alguns doentes dão gritos espantosos, pulso insensível na radial, apenas se percebe nas grandes arterias, movimentos convulsos violentos, angústia extrema, suspensão de evacuações, contracção muscular na face e em varias regiões do corpo, tetano e trimus n'alguns individuos; outros no terceiro período apresento logo pulso quasi imperceptível nas grandes arterias, pelle gelada cadaverica, azulada, olhos fixos profundamente encovados, calambres geraes, terror, medo da morte, delírio tremens, seguido da morte imediata ou no período da reacção sempre mortal quando é muito forte.

Quando a reacção é moderada, favorável a scena muda gradualmente, o pulso torna-se mais sensivel e mais regular, pouco a pouco as secreções tornam-se naturais, as calambres os movimentos convulsos, as sufocações, a coloração e todos os symptomas anormais desaparecem, a respiração quasi suspensa antes torna-se natural, um suor morno inunda o corpo do doente que pouco a pouco sente a vida infiltrar-se por assim dizer em todo o seu organismo.

As vezes em lugar de suor o corpo se cobre de uma erupção miliar igualmente salutifera e salvadora, no cholera-morbus, como sempre, a natureza indica o medico a marcha que elle deve seguir. A causa primordial do cholera é a absorção do ar viciado, toxico que produz o envenenamento, as consequencias são a asphyxia e a concentração

das forças vitais no centro da economia, a indicação portanto é neutralizar a influencia toxica atmosférica e chamar a vida à peripheria. Obtem-se a neutralização do ácido carbonico que produz o envenenamento marginalhando o cholera n'uma atmosphera rica em oxigénio aonde superabundam as arvores que como temos dito lancão durante o dia o elemento vivificante para o homem isto e o oxigénio e absorvem o ácido carbonico que sae dos pulmões do homem e dos outros animaes, dos corpos em putrefação e em combustão.

A segunda indicação é chamar o calor, a vitalidade a peripheria por meio dos diaphoreticos devendo-se dar a preferencia ao mappoau por ser o mais energetic e produzir no corpo sô, sendo dado em grande dose, os mesmos symptomas que apresenta o cholera. Administrado em dose minima o mappoau produz uma diaphoresis sempre salvadora quando é administrado a tempo isto é no primerio período. O corpo cobre-se, fica inundado de suor depois da applicação da segunda ou da terceira dose, outra vez aparece uma erupção miliar uma espécie de herticula vulgarmente falando que produz igualmente como o suor quente uma crise favorável. O modo de administrar esse medicamento é bem simples dâ-se uma colherinha da túnica de quinze em quinze minutos n'uma chicara de infusão quente de folhas de laranjeiras ou de poligala virginiana até o corpo cobrir-se de suor ou de uma erupção que produzem a diathese salvadora. Se a noiteira ja se acha no segundo período as doses do medicamento devem ser dobradas e diminuirlas gradualmente a medida que a respiração do doente se torna mais natural.

O mappoau e o succo do hypomane manecilla cujas propriedades medicamentosas fizemos conhecer n'uma memoria que foi inserida no Jornal dos conhecimentos medicos cirúrgicos impresso em Paris. Diversos outros meios tem sido preconizado por alguns collegas para produzir a diaphoresis, porém sentimos dizer o esses meios não são racionaes. Os Srs. Doutores Maximiano Marques de Carvalho, Melo Moraes e Vieira preconizaram os fogareiros com carvão em braço debaixo da cama do doente isto é o envenenamento pelo gaz ácido carbonico, semelhante indicação e contra as leis da sciencia e da humanidade, nem Hypocrites nem Haudinemann aconselhão o suicidio e ainda menos o homicídio.

Os Srs. Doutores Gouto, Duque-Estrada e Mariz, aconselham as fricções com ether, essencia de thebainina e espírito de vinho quente, essa applicação poderia ser útil se elle não fosse contra os principios da sciencia e irrealisável ou impossível de realizar em consequencia da evaporação. O Veratrum, a camphora, o aconito, o ipecacunha são palhativos que fazem perder em tempo precioso e irreparável.

En quanto a teima d'alguns em fazer a palavra cholera do gênero feminino e uma pertinacidade que não merece refutação, a palavra cholera e latina o autor diz cholera-mochus e não morha, o que tem de bom a lingua portugueza é daguerreizado de latim.

A morte que não é causada pela decrepitude natural, é prematura. A lei que condena o criminoso à morte natural, e o manda inforçar é absurda, a morte natural é a velhice, todo ser animado que não morre de velhice morre assassinado, por uma causa qualquer que não entra nos fins da previdente natureza que não pode ter vistas re-creativas.

Aonde existem molestias ahi existe o remedio — o oxigénio é o específico de todos os typhos, a vacina das bexigas, a belladona, o sulfur são os específicos de muitas molestias de pelle, a quina e suas preparações das intermitentes, o mercurio e o iodo das syphilides e das escrofulosas.

Nomeado em 1834 e 1835 pelo governo francê e pela municipalidade membro das comissões sanitárias e medico das ambulâncias, presenciamos todas as invasões do cholera que ceifaro a população da cidade de Marselha, a mortalidade montava a trezentos por dia, e chegou a quinhentos houve mesmo um dia de setecentos mortos esse quadro mortuário n'uma população igual, se não inferior, a do Rio, prova que o flagelo foi comparativamente benigno no Rio de Janeiro e muito menos victimas teria feito se fosse combatido racionalmente.

Quando em 1837 lancamos no solo brasileiro as primeiras sementes da homœopathia, sementes

profissões que germinarão vícios em todo a América, nem pensámos que os abundantes e salutíferos frutos por elas produzidos fossem devorados por ingratos discípulos, e no entanto assim acontece, isocryptarão-se e excluirão do geral festim o bensíster que plantou a árvore da ciência no continente americano!

Espectador mudo e quieto de tão injusta exposição, não quisemos por dignidade nossa nos envolver no vergonhoso pugilato que teve lugar entre os filhos de Hypocrate e os de Hahnemann, porém hoje que à prole das paixões acalmou, hoje que o flagelo cholérico cobre do luto os habitantes do Brasil, o nosso dever como primeiro introdutor da homeopatia no império de Santa Cruz é fazer conhecer a verdade; temos compido com os nossos deveres humanitários a nossa consciência está tranquilla.

Dr. EMILIO GERMON.

P. S. Deende o princípio da epidemia no Brasil nunca negarão aos pobres o nosso auxílio nem os medicamentos. Sendo o único possuidor do mapamundi predizemos nos prevalecer d'esta circunstância, no entanto contemos de vídros de tintura de mapamundi são distribuídos todos os dias gratuitamente os indigentes no nosso consultório da rua dos Ourives n.º 82.

Quanto aos serviços que temos prestado nas horríveis epidemias que flagelaram a cidade de Marelha, a carta seguinte, que o Maire, presidente da Câmara Municipal, nos dirigiu em nome da população fala mais alto que tudo quanto se possa dizer.

Marelha, 22 de Abril de 1835.

• Sr. Dr. EMILIO GERMON.

O conselho municipal, em sessão de 10 de corrente, deliberou dirigir em nome da população marelhesa agradecimentos aos medicos que, como vós, se voltaram ao serviço dos hospitais e comissões sanitárias que se organizaram em Marelha por ocasião das invasões do cholera-morbus.

Vos devo senhor, um homen salutar exemplo quando, na organização das comissões sanitárias, correste com outros medicos, vossos colegas, a quem uma ardente sympathia levava a voltar-se ao alívio da desgraça, e graças aos vossos esforços, a nenhum domínio faltou auxílio, a nenhuma família consolação. Convém dizer o alto e bom som, para honra da nossa cidade, jamais apareceu mais fervoroso zelo, jamais flagello tão horrível foi combatido com a maior virtude e sacrifício.

Acerca, senhor, os agradecimentos que, com uma voz unânime, vos dirigem vossas concições: elas formarão com as benções dos pobres vossa maior recompensa.

Tenho a honra de ser com a mais distinta consideração, senhor, vosso humilde serviço.

• MAXIMIANO CONSOLART.

• Maire de Marelha.

(*) O animalculo que descobri no líquido sanguíneo das secreções dos choléricos pertence sem dúvida a classe dos infusórios Vibrios, mas não pode determinar a espécie, por causa de instrumentos apropriados.

L'animalcule que j'ai découvert dans les sécrétions alvines des cholériques est un infusoire Vibrios dont je n'ai pu déterminer l'espèce faute d'instruments appropriés, mais l'animal existe positivement et j'invite les entomologistes à l'observer. Comme l'animalcule meurt après quelques secondes de contact avec l'air atmosphérique la classification spécifique en devient très difficile.

EMILE GERMON.

LITTERATURA.

O Visconde de Chateaubriand.

Quem não folgaria lendo a Biographia de um homem que tantas vezes deleitou-nos com seus encantos imortais, de um homem cujo coração foi

o órgão sonoro, que sempre proclamou hymnos: à Deus? Quem não folgaria lendo a Biographia desse homem sympathetic por quem mais de uma lagrima derramamos, quando os periódicos de 1815 noticiando as perturbações da França e os horrores de uma revolução fraticida, nos anunciamos também a morte de Chateaubriand, do optimo dos filhos da França, e a quem esta, ainda ocupada em suas peripécias políticas, não cuidou em erguer-lhe um monumento.

Os leitores folgariam, nós o cremos, com a leitura dessa Biographia compendiada de tão ilustre varão, digno de memória, desse homem phenomenal que deixou uma lacuna que difficilmente será preenchida.

Lêde a sua Biographia escrita pelo Sr. Pedro Dantz, e amai-o, respeitai-o; não imiteis a esse culto e ignorantes presumidos, de triste celebridade, que só vivem de mastigar a reputação alheia, e que, quando não tem matéria para suas mordacidades, contentão-se com esta expressão que por repetida já — antoja — foi um romancista.

Francisco Augusto, Visconde de Chateaubriand, oriundo de uma antiga família breta, nasceu em Combourg, não longe de St. Malo. Aos 17 annos foi tenente do regimento de infantaria de Navarra. Os aperceberam de 1790 o resolverão a passar para a América Septentrional. Chegou aos Estados Unidos em 1790. Foi ali que se ferkundou o seu genio transcendente. Chateaubriand entrou pelo paiz a dentro, visitou o sertão; penetrado de admiração pelo espetáculo de um país virgem, embrenhou-se nas florestas do Novo Mundo, e deliciou-se com a contemplação daquellas seunas da natureza, que elle pinta com tão mimosas cores. Observou os costumes dos indios, estudou a riqueza, a magnificencia do solo americano, e compôz uma espécie de poema em prosa, intitulado os — Natchez. Esta obra perdê-se, e só delle ficou o episódio, que lêmos em Atala.

Em 1792 ascendeu-se de novo a guerra em França; e Chateaubriand foi alistar-se nas tropas realistas. No cerco de Thionville foi ferido pelo estilhaço de uma bomba.

Em consequencia d'este ferimento, e de varios outros motivos, resolveu-se Chateaubriand a ir para Inglaterra.

Por este tempo curtiu o cantor da América fundas mágoas. Sua mãe, septuagenaria morreu n'um carcere, depois de ter perdido quasi todos os seus filhos. Seu irmão primogénito, o conde de Chateaubriand, morreu no cadsafado, deixando viuva a neta do virtuoso Malesherba.

Foi em Londres, que, no anno de 1791, Chateaubriand publicou o seu Bosquejo Histórico sobre as revoluções antigas e modernas.

Tendo voltado a Paris, foi colaborador do — Mercúrio —, em que publicou o episódio de Atala. Em 1802 deu à luz o — Genio do Christianismo —, obra inspirada, e que o publico animosamente aguardava. O Genio do Christianismo é um tesouro de poesia religiosa. O autor não podia deixar de ser grande, porque fallava da grandeza de Deus. Nas paginas desse livro, recheadas de uma suavidade tocante, encontra-se aquella doce melancolia, aquella evangélica tristeza, que o autor havia adquirido na lição dos livros sagrados.

Quando em 1804, Napoleão se tornou imperador, o cardeal Fesch foi enviado a Roma em qualidade de embaixador, Chateaubriand foi o secretário da embaixada.

No mesmo anno, passou de secretário a ministro plenipotenciário em Valais; mas pediu a demissão deste cargo, quando protestou contra um acto, que achou odioso, a execução do infeliz duque de Enghien.

Separado da vida publica, foi viajar. Embarcou em Trieste, visitou a Grécia e o Egypcio; foi à Judeia; e depois, desembarcando nas costas da África, procurou, e descobriu os vestígios da antiga Carthago; e tornou à França em 1807. Os Martyres aparecerão dous annos depois; e dous annos depois dos Martyres, publicou o Itinerário de Paris a Jerusalém.

Em 1811 teve Chateaubriand occasião de manifestar com liberdade a sua adherencia á causa dos Bourbons.

D'esse tempo adiante vemos o poeta transformado em publicista, e homem de estado. Em 1815 é nomeado embaixador para Suécia, e acha-se em Paris quando Napoleão desembarcou nas costas de Provença, acompanha o rei à Inglaterra, e exerce em Génova o cargo de ministro de gabinete. Torna para França com Luís XVIII que o nomeia ministro de estado e par. A 21 de março de 1815 é eleito membro da Academia. Depois foi colaborador do Conservador, e de outros periódicos; exerceu altos cargos diplomáticos; foi embaixador em Roma, e duas vezes ministro; em 1820 retirou-se para Genebra, e voltou pouco depois à França, onde se fez defensor de Henrique V.

Morreu há poucos annos, e descansa no jazigo, que em vida tinha desmarcado à borda do mar, e perto do sítio onde nasceu. Tens sobre a campa uma cruz, unico sinal que elle recommendou, para mostrar que ali repousa um cristão.

Chateaubriand é grande em muitos generos de literatura.

A sua prosa é uma poesia univisalma; ainda ningnem cantou como elle as excellências da Bíblia, e as maravilhas do Creador. A philosophia christã foi por elle tratada com um tino admirável. Como philosopho e moralista, acha-se superior a todos os seus predecessores; pois reune as belezas de todos, e adorna essas mesmas belezas com as flores da Religião. Lér o Genio do Christianismo é entrar n'um templo angusto, em que recende o incenso, e em que se escutão melodiosos canticos de louvor a Deus.

RELIGIÃO.

Culto externo.

Proseguindo na desenvolvida da these, que foi o objecto do artigo precedente, e que sel-o-ha ainda, procurarei mostrar, com o doutissimo Bergier, que os Sacramentos, instituídos por N. S. Jesus-Christo, demonstram, pela alta influencia social, que exercem sobre os povos, a infinita e adorável sabedoria do Divino Legislador.

Quem estudar com reflexão o mundo na ausência do Christianismo; quem lê com attenção a historia do paganismo, entregue aos horrores e misérias da tão preconizada razão humana, quando dirigida sem o facho luminoso da fé, e unicamente pela luz morta, que d'ella se reflecte, sem o socorro sobrenatural da revelação, é impossível que deixe de, na effusão d'alma bem dizer, e glorificar o Homem Deus, que desceu do céu para tomar a forma de servo, vestir-se de nossas misérias, unicamente para felicitar-nos. Sim quem estudar com candura o Christianismo, e meditar na serie de seus benefícios, certo exclamará com o immortal auctor do Espírito das Leis: *Chose admirable! la religion chrétienne, qui ne semble avoir d'objet que la felicité de l'autre vie, fait encore notre bonheur dans celle-ci.*

Vejamos rapidamente se o que disse o sabio Montesquieu, é exacto. Ninguem ignora que a palavra — caridade — era desconhecida antes de Jesus-Christo. Do alto da cruz pela vez primeira ella se ouviu. *Amai-vos uns aos outros*, dizia a Vítima Sacrosanta que se hia immolar pelos nossos peccados, *amai-vos uns aos outros*, e a voz que estas palavras proferia como o trovão, que rola no espaço, repercutia por toda a parte — *amai-vos uns aos outros* — e calava nos animos dos homens, que só respiravão o odio e rancor aos inimigos, e aos amigos desconfiança e indiferença! Os versos de Eurípedes que proclamavão a vingança, como um dever de honra, já senão escutavão com entusiasmo, e frenético aplauso. Uma era nova assinalava o prospero e risonho futuro da humanidade.

Philosophos! deixai por um pouco o estudo do *objectivo* e do *subjectivo*, dai tregos por alguns momentos às vossas abstracções incessantes; vinde, compulsando a historia de todos os povos, reflectir e admirar a mudança feliz da humanidade outorgada pela religião de N. S. Jesus-Christo! Vinde, vende reflectir e admirar.

Brasil Imposto



Abri os livros de morte dos povos da antiguidade, folhei suas páginas, e horrifiquei-me!

Os meus que nasci deformes, ou velutíneos, ou com quanto perfeitos e bons, de pais pobres e miseráveis eram destinados a uma morte inevitável, ou afogados no nascituro, ou expostos nas prazas para serem pasto dos cães, ou lançados na corrente dos rios. Era essa fatal sorte desses infelizes; porque então não existia um sente que, com espírito que animou Vicente de Paula, os afagasse, e os cobrisse com seu manto. Não é que os sentimentos naturais de compaixão inatas no coração humano não existissem; não, existiam. Mas por uma falsa aplicação desses mesmos sentimentos gerais, feita pela miserável razão humana na ausência da revelação, que os rationalistas não pretendiam combater, essa destinação da infância era considerada um remédio a seus males, um limite a seus sofrimentos. Indubitablemente os efeitos maravilhosos que se seguirão e se produzirão no mundo depois da pregação da celeste doutrina do Evangelho, telos-hia a razão por si só efectivado, se esse poder estivesse sob sua alcada, se não dependesse da virtude do céo. Mas não havia então *philosophos*? Não estava então a razão cultivada? Havia. Estava. Entretanto o contrario se praticava. Esses usos erros se achavam consignados nos códigos de moral da antiguidade, apregoados pelos sábios, e até pelo *discípulo Platão*, e vigentes ainda na época mais brilhante de sua literatura.

A Religião porém de Jesu-Christo depurou a sociedade, esclareceu-a, firmou-a, engrandeceeu-a. Ah! E quantas vezes, com o desembargo, que caracteriza sempre a ignorância supina, não terás ouvido, benevolo leitor, dos pretempos *philosophos* mil blasfemias contra a Religião Católica Romana, que tirou o mundo da barbaria, e que plantou com a cruz, outrora símbolo de infâmia, a civilização nos angulos do universo à custa do sangue de inúmeros martyres, que seguirão a esteira dos Apóstolos na missão de evangelizar os povos? Quantas vezes não terás ouvido citar os sarcasmos estultos de Voltaire, que jurara (ouço) esmagar a Religião pregada pelos Apóstolos pela maior parte ignorantes, e sem prestígio n'uma época esclarecida, tendo por principais de seus trabalhos os principais do Arrepano, os *philosophos*, e os doutores? Sim, quantas vezes não terás lido os ditais desse *momo da literatura* (1), que em tudo quis falar, e farto de orgulho queria ter a precedência, e a prioridade em tudo, sendo em tudo superficial. A Religião porém firmada em base eterna por promessa de seu Fundador, que passou incólume, e sempre gloriosa no meio das tempestades agitadas pelas paixões, que apenas soerguem das perseguições sangrentas viu erguerem-se com a paz as principais heresias que aniquilou e destruiu, estava à espera de Voltaire para ser por elle esmagada!... *Risum tenetis?* Loucura! Sobrebar! Ignorância! Os escritos desse septuagésimo (com rarissimas exceções) estão condenados ao po das Bibliothecas, e o Evangelho com entusiasmo admirado pelo incompreensível J. J. Rousseau, vai caminho do progresso, abraçado e seguido, ou pelos rusticos e ignorantes, que creem porque se lhes manda que creio, ou pelos sábios consummados, que creem porque estudiaram-no com juizo, prudencia e reflexão. O século XVIII foi um século de provações para a Religião, mas foi também um século de glória; porque mais uma pedra preciosa se engastou em sua coroa, mais uma vitória assignada se registrou em seus factos immortais. As sciencias para as quais appellavam todos esses *encyclopédistes*, rationalistas, materialistas, e mais demagogos infames que queriam com as tripas do derradeiro *padre enfocar o último dos res*, completamente estudas por verdadeiros sábios, derio em resultado a prova científica da Religião de N. S. Jesu-Christo, e envergonhados e corridos, mais rancorosos e perfidos, soltaram, como Julian, o grito que era o da vitória da fé e o da sua condenação: *Religio, viciasti!*

Continuar-se-há.

F.

POESIAS.

Perder-te?

I.

Não podes tu sentir o quanto sinto?
Lavrar-me neste peito desgraçado:
— Disendo que succumbo — ai! não, não minho!

II.

Pensar em ti — querer-te é minha lida:
Pensar em te perder é desespero:
Se te chego a perder, ai! parco a vida!

III.

Perder a vida é menos que perder-te!
Por ti a vida deixarei seu peito,
Terei na terra o céu se posse ter-te!

IV.

Ter-te? Ai sim! — Ter-te é quanto eu quero!
Ter-te, sim! nos meus braços estreitada...
E contigo fundir a vida espero....

V.

Passar-te quero esta alma devurada
Do mais ardente amor: ai! quer, sim,
Vê-te de amor nas chamas abraçada!

VI.

AI! Sim, morrer! — que em teus mimosos braços
Eu quer exaure de prazer sentir-te....
Da paixão apertar os doces laços!

VII.

Mas, ai de mim!... querer-te não me é dado.
Que no peito se agita cruelmente
O pobre coração dilacerado.

VIII.

Mas se ao fogo de amor, que lava em mim
A morte destruir meu corpo enfermo
No céu então esperarei por ti...

J. F.

No album de uma jovem.

Desta folha bem no meio,
Como se fôra em teu seio,
Uma phrase vou depôr:
E não é meu segredo
De dizer-se muito a medo,
De causar algum temor,
— Não é causa de corar,
E um brinco de criança,
E um nome de esperanças,
E dizer — eu sei amar.

O poeta Operario.

VARIÉDADES.

O pranto filial.

... Mais c'est Dieu qui t'écrase ô mon ame,
Sois forte, laisse sa main sous la douleur!

LAMARTINE.

I.

Lagrimas de intima dolorosa saudade, correi livremente na solidão deste quarto funerario, sanctuário de meus tristes pensamentos, onde offereço em holocausto as dôres de um coração contrahido, de um espírito torturado, depois que não respira mais aquella que mamentou-me na infância, e consolou-me na vida de mulher!

Correi até que a alma encontre em vós um lenitivo às angustias que a oppremem!...

Não é um terrível pesadelo, não. Ela morreu! O Senhor resolveu o problema de sua preciosa vida, quebrou os laços que a prendiam às aflições

irreversíveis, chamou-a a receber na Estância celestial o prêmio de suas virtudes.... E eu!... Eu via-a estender-me os braços em sua hora extrema!... Balbuciar doces e já confusamente o meu nome, volver para mim aquelle derradeiro eloquio olhar de surpresa, que, fixo em um só ponto, parece traduzir as primeiras notas d'alma do moribundo surgindo do seu envolto grogueiro na presença do Criador!....

Vi-a transpor em silêncio os umbros da Eternidade com a serenidade do justo, e fiquei!!!

Fiquei fatimada de tão cruel inexperado golpe... mas não desci com elle à campa!.... Mysterio!....

II.

Lá acabo de soar as doce melancolicas badaladas, que devidem a noite ao meio!

E a centogessima-vez que as ouço depois que dormem no sepulcro, ó minha mãe!....

Engolírdo-se contigo no abysmo da morte as minhas mais doces horas de consolação, o meu conforto, as minhas mais intimas convicções também!

A dor que nos deixa a perda do que mais amamos na terra, tortura, despedida a alma, mas não extingue a vida? Eu te sobrevivo!!!

Vi-te morrer... desaparecer para sempre a meus olhos já cançados por lacrimosas vigílias; e, separada para sempre do teu seio, as faculdades de minha alma não me abandonarão ainda!!! Chamarei a isto coragem? resignação? *philosophia?* oh! não; nada disto tenho, quando olho em torno de mim, e contemplo o vacuo imensurável que deixaste em minha vida de tão duras provações!

Ao mysterio de minha organização somente devem nascos filhos o eu respirar ainda sobre a terra que deixaste!

Deus quer sem dúvida que a filha que te amou sempre mais que a todo no mundo, que marcava cada aurora com a intima satisfação de ser abençoada por ti, viva na terra algum tempo ainda para chorar-te, e muito! Oh! sim, muito minha mãe, porque nada entre os homens existe que possa consolar-me da tua perda. Ela foi tão prematuro para mim, que contava como meses os annos passados a seu lado, e como dias os meses!

Quando o vendaval das paixões humanas desprendia seus furores, e amontoando sombrias nuvens, condenavam o horizonte de minha vida, o meu espírito, fortificado pelo teu amor, pairava sobranceiro sobre a tempestade, e o meu coração se expandia em alegres hymnos ao Senhor por conservar-te a vida, ó minha mãe! e dar-me a ventura de amenisal-a; ventura, que eu sentia um nobre orgulho de possuir em toda plenitude, depois que para o céo partira o esposo que na terra havia tanto amado!

III.

Havia decorrido vinte e sete annos depois que a mão de um vil assassino assaltado pelo atroz despotismo de um Cavalcante caiu sobre a cabeça de um advogado recto e energico, cuja pena fizeria triunfar a causa da innocencia opprimida!....

Os sinos da igreja de S. José anunciamavam o Sancto Viatico, que bons cathólicos tinham pedido, ó minha mãe, e que sanctamente recebeste aos 17 de agosto às sete horas e meia da tarde, quando se completavão justo 27 annos, dia e hora, que lá caiu sem vida aquelle que reunia as virtudes do homem publico, as más preciosas ainda de esposo e de pai...

Repassada de dor, eu te contemplava serena e corajosa nesse acto solenne, edificando a família pelo exemplo da boa christa no ultimo quadro da vida, que foi para ti o reflexo de todas as virtudes que durarão-te os primeiros!

E a morte pareceu arredar de teu leito as suas aterradoras sombras, respeitar-te ainda a vida!

Lagrimas de consolação humedeciam-me os palpebres, mas o sonno não as veio fechar! Um triste presentimento me calava n'alma, repetindo-me as dolorosas sinistras palavras: — não te slegres ainda!....

E de fato, vinte dias depois o teste creuas
e a tua tua família. Eu n'as eras mais com
e conspiravas os agos a contra mim, derramando-me a alma dores inúteis vóris de mias
e perdas que regaravam as tezernas a
morte, tolheras-me as inspirações poéticas,
e extingui-me as mais doces esperanças!

“... espso” mas “ amaldiçoas contra
e comunicadas na maxima clausa de alvez
e vóris, a subversão do mundo, a
e a curva, o funesto, doloroso agosio
e a possesem pelo espaço de minha vida tem
e sempre mortada ou por uma perda irrepa-
e muda azoria em que se eva-
e muda a vitala energia de minha alma.”

IV.

“... se n'ao vives, minha māi” A minha pri-
meira e mais saudosa missão na terra está pôs
m'ida!

“... as belas coisas que me eva-va na vida,
m'utamorphoseas a tua morte em tristes goivos
e saudades que espolho hoje sobre a tua sepul-
tura”

O título de māi de que tanto me afunava por-
que tu vias em mim a “copia de tua ternura ma-
terna” spectaculada pelo estudo, isolado hoje do
titulo de māi, não tem já para minha alma a
maisa que o teu santo amor lhe prestava, o teu
amor, minha māi, que era o pedestal indestruc-
tivel de meus outros amores, de minhas consu-
tações, de minha coragem e constância no dilid-
transito da vida!

“... me inspiraste o amor do trabalho, a cari-
dade clara de que destes os mais edificantes
exemplos a recinto doméstico durante toda a tua
existência”

“... e tu que devo as primeiras felizes inspira-
ções de utilizar por mim so a família, de bas-
tante a mim mesma. A tua viuvez prematura
deixou aquela mais importante pagina da mi-
nha vida, e não me com minha saudade, e
tristeza, que no meio de meus próprios per-
sonais, quando pode dizer no silêncio do meu
coração. O resultado do meu trabalho e su-
ficiente para satisfazer todas as suas preces...”

“... Como as fases do misterio fortificavas-me a
saudade e o espírito, quando rodeada de meus filhos
e contemplava saudosa como a Patriarca da
família recebendo as primeiras de minha desci-
ção que abençoavas cada dia!

“... depois, quando fui procurar na Europa res-
sabelecer a saúde da filha predilecta tua, era
as “... as cartas quem me davão forças na ausência
para supportar a saudade que de ti me tortu-
rava. Paris com todos os seus magicos encantos;
londres com todas suas pompas, não conseguis-
s'... distrahir-me um instante de ti, ó minha māi,
e se no momento em que Deus permitiu-me a
ventura de abraçar-te, o meu coração, transido
de longas dolorosas saudades, mesmo na bene-
a atmosphera dos genios, em que o espírito
se me banhava em ondas deliciosas de gozos in-
telectivas, se dilatou e expandiu-se em uma
a expansão de sensações doces e fecundas, que
se em seu seio podia em encontrar e sentir”

“... E tu não m'as farás mais sentir!!! E a campa-
nha, m'oda, insensível a meu pranto, e a natureza
tua, segue tranquilla e invariavel ordem que lhe
marcou o Eterno”....

V.

“... Oh! minhas erences! não me abandoneas!
Meu Deus! faze cair em meu coração desse-
cado pela saudade uma gota de orvalho celeste!
penetra meu espírito abatido de um rão de vossa
graca, consolai-me da perda de minha māi!!!”

“... Vos sabeis quanto eu a amava, quanto a minha
existencia estava ligada à sua, quao necessaria
n'era a sua presença na passagem deste Mar
Vermelho para descansar na terra prometida!

“... E' pois que dessa consolação me privastes, ou-
torgando-me de novo aquela energia com que tão
especialmente me havieis dotado, afim de que eu
possa triunfar do aca brumante longor que
me vai consumindo inutilmente os dias!!!”

“... os eis que o sonho funesto de uma virgem!

“... se realiza! A cholera-morbus sopra seu halito
mortífero em nossa linda atmosphera, e desce
a voz sobre as victimas que designa torturar-lhes
as entranhas, desfigurando-lhes as feições antes
de fazias passar a dominio da morte!”

“... O grito da dor geral celebra-me no coração con-
trangido de dor! O espírito de caridade reuni-
ma-me as forças quasi exaustas, e por um mo-
mento supremo de minha vontade, arranquei-me
a memória! E agora, toxiquei a tua memória,
e n'ela — mostraste-me aparentemente calma
messe infame coraçao que en'havia abandonado,
e que agora no exercicio da caridade bus-
cava aliviar a saudade que me deixaste!”

“... Os prongentes gemidos dos cholericos moribundos
retribuindo a meus ouvidos, e penetravam-me
o coração que tu formaste, despertando e diri-
gindo todas as suas faculdades em prol daqueles
afetados!... In' eras congo, o minha māi,
naquelle receptáculo de dores! tua sombra me
precebia sempre unido a' seu leito, e me inspirava
forças para vir de mim a outros enfermos
procurando mitigar-lhes os sofrimentos, e con-
selhos quando se debatiam contra os horrores da
cholera!”

“... A memória da sancta que inspirou-me devem
pôs' elas quando praticou nessa occurrência

“... Eras tu verdadeira rainha de caridade, sem os-
tentação de virtudes aparentes, solícita, cari-
nhosa, paciente, boa, tal como te en've sempre,
e te viram outrora os descrevidos dos arredores
da Floresta, a quem estendias tua sacerdotal

e liberal, que en'gora seguia pelo pensamento,
e queria espiar, sancionando e fortificando em si-
lencio minha alma nos benefícios de 23 milhas, que
savia e te mandava do eco, por que se a li per-
cece o resultado da obra que me havias ins-
pirado!”

VI.

“... Vou... sensivel' apud os sofrimentos
e as miseras humanas!... Testemunha, transido
o coração de medo, a desassossego rapida calo-
foros, as facultades vita's do homem, inva' a
do homem e estavas! As esperanças daquelle mor-
tendo com a ventura que lhe sorrira, e que sente-
deras; as destes tornaram-se-nas approxima-
ções da morte que o' hia libertar de um jugo
atroz, sob o qual en'voi lutava, extinguiendo as
forças durante a sua difícil peregrinação na
terra!...”

“... Saciei-me de fatiga, de paciencia, de dor, de
desprezos também!... E voltando ao meu charo
retiro com a consciencia de ter procurado ser
esta occasião digna filha tua, simo mais interna
e saudade, a solidão que me deixaste o' alma!”

“... Não estás a meu lado para envir-me, para sentir
o que so tu eras capaz de sentir quando te en-
fizesse a narrativa, que, cedo ainda, de tantas
dóres, de bontos,.... de tantas vidas rodadas ao
través dos desenhadeiros pedregos do informo,
ou exaustas em um cadaver grosseiramente
fechado em um commun esqueleto....”

“... Como acharia velho em teu bom coração os
últimos lamento's da moi espirando sem apertar
uma vez ainda ao peito o filho ausente! do filho,
invocando na hora extrema o nome de sua māi
do pa' longe de uma esposa e filhos que adorava!... do pobre escravo enfim que ja confusamente
repetia: — não onsei deixar o serviço de meus
senhor's para queixar-me logo em principio
do mal que me mata agora!...”

“... Ah! tu verterias, como eu então verti, lagrimas
de compaixão, minha māi, e fechando os olhos,
e compondo o rosto do endaver desses desventurados,
como eu dirigias em silêncio ardentes
preces ao Eterno para que melhore a sorte de
seus irmãos, nas terras onde o homem tolera es-
cravizar o homem!!!”

“... Mas a morte arrancou-te á meus braços! não
podes mais ouvir-me, consolar-me neste exilio
terrestre, onde tudo me parece arido, monotonio
sem ti, sem as doçuras de teu amor, unico inex-
gotavel!...”

“... Morreste!!! E o meu espírito se confunde na
provação desta lei cruel e necessaria! deste de-
creto fatal, irrevogavel de um Deus pio e pa-
ternal!...”

B. A.

Memorias do General Montepoeline

CONSIDERADO COMO O AUTOR DO INCENDIO
DE MOSCOW

Escriptos por elle mesmo em dez minutos.

As minhas memorias, ou eu ao natural, eis
tos em dez minutos.

CAPITULOS. 1.º O meu nascimento.

2.º A minha educação.

3.º As minhas desgraças.

4.º Privações.

5.º Epochas memoraveis.

6.º Retrato moral.

7.º Resolução importante.

8.º O que eu fui e o que teria podido ser.

9.º Princípios respeitaveis.

10.º Os meus gostos.

11.º As minhas averções.

12.º Analyses de minha vida.

13.º Benefícios do céo.

14.º O meu epitaphio.

15.º Epistola dedicatoria.

CAPITULO I.

O MEU NASCIMENTO.

Em 1765, no dia 12 de março saiu das

a luz: medrilo-me, pezario-me, e baptizai-

Em nasci sem saber para que, e os meus pais
grazias ao céo, sem saber de que.

CAPITULO II.

A MINHA EDUCAÇÃO.

Aprendi mil coisas, e toda classe de li-
ções! A força de ser imprudente e charlatão, gozai a
2000 vez do conceito de sabio. A minha cabeça
virou-se n'uma especie de biblioteca de obras
incompletas, cuja chave perdeu-se.

CAPITULO III.

MINHAS DESGRAÇAS.

Fui a tormentado pelos mestres, pelos alfaiates
que me faziam os vestidos estreitos, pelas mul-
heres, pela ambição, pelo amor proprio, pelos pe-
res inutéis, pelas saudades e pelos monarcas

CAPITULO IV.

PRIVACOES.

Faltaria-me tres grandes gozos da especie hu-
mana: o roubo, a gula, e o orgulho.

CAPITULO V.

EPOCHAS MEMORAVEIS.

Aos 30 annos renunciéi a dança; aos 40
agradar ao bello sexo; aos 50 à opinião publica,
aos 60 a pensar; tornei-me um verdadeiro pluto-
sopho, ou egoista, que é o mesmo.

CAPITULO VI.

RETRATO MORAL.

Fui teimoso como um burro, esprichoso como
uma casquilha, alegre como um rapaz, preguiçoso
como uma marmota, ativo como Napoleão, e tudo
isto à minha vontade.

CAPITULO VII.

RESOLUÇÃO IMPORTANTE.

Não tendo podido jama' ser senhor de mim
mesmo, soltei as redeas de minha lingua, e tomei
o costume de dizer o que pensava — isto causou-
me algumas satisfações, e grangeou-me muitos
inimigos.

CAPITULO VIII.

O QUE FUI E O QUE TERIA PODIDO SER.

Fui muito sensível à amizade e à confiança, se tivesse nascido no seculo do ouro, quem sabe se teria sido bom homem!

CAPITULO IX.

PRINCÍPIOS RESPEITAVEIS.

Nunca desuni matrimonios, nem malquistei compadres. Nunca incomodei a ninguem; nem medico, nem cozinheiro, e por conseguinte, não attentei jamais contra a vida de ninguem.

CAPITULO X.

MESMOS GOSTOS.

Agradavão-me as reuniões íntimas, e um passeio nos bosques. Tinha involuntaria veneração pelo sol; na hora do ocaso causava-me tristeza. Em quanto a cores, gostava do azul; em ponto de comidas, carne de vaca e rabanetes do campo; por bebida, só agua fresca; nos homens, e nas mulheres, as phisionomias francesas e expressivas. Os coroamentos de ambos os sexos tinham para mim um atractivo irresistivel.

CAPITULO XI.

MINHAS AVERSÕES.

Desgostou-me sempre a afectação, e repugnava-me sempre os tolos, os fatuos, e as mulheres intrigantes, que apparentão virtude. Tive sempre compaixão dos velhos que se pintavão e das mulheres que punhão consas posticas. Tive aversão aos ratos, aos lleões, à metaphysica e ao rhinoceronte; medo à justiça e às feras.

CAPITULO XII.

ANALYSES DE MINHA VIDA.

Espero a morte sem temor, como sem impacientia. A minha vida, tem sido um mau melodrama de especatáculo, no qual tenho feito os papeis de heroe, de tyranho, de galan, e de velho; mas nunca o de laçao.

CAPITULO XIII.

BENEFICIOS DO CÉA.

Amaior felicidade que posso, e que sou independente dos individuos que regem a Europa. Como sou bastante rico, como virei as costas aos negócios, e como sou indiferente à musica, não tenho nada que ver, com Rostchilde, o rei dos banqueiros dos reis com Metternich, o rei dos diplomatas, e o senhor dos reis e dos povos, nem com Rossini, o principe dos musicos, que teve tantas riquezas como um rei.

CAPITULO XIV.

O MEU EPISTAPHIO.

Aqui jaz descansado, com um coração exausto, um corpo velho, um pobre diabo morto, senhores e senhoras, segui o vosso caminho.

CAPITULO XV.

EPISTOLA DEDICATÓRIA.

Público cachorro! orgão discordante dos países, tu que levantas os homens ao céo, e que os chafurdas no lodo; que gabas e calumnias sem saber porque: imagem do rebate: eco de ti mesmo; tyranho absurdo escapado do hospital dos loucos; extracto dos venenos mais salutis, e dos perfumes mais suaves; representante do diabo perto de gênero humano, fúria distorcida em ca-

ridade christã! Públlico, a quem tanto temi na minha mocidade, respeitei na idade viril, e despezei na minha velhice: a ti dedico as minhas memórias! Lindo públlico! em fim, pois estou fora do teu alcance, estou morto, e por conseguinte, surdo, cego, e mudo.

Queira o céo, que gozes d'estas vantagens quanto antes para o teu descanso e do gênero humano!

por bom dinheiro a manteiga rançosa, ou a carno arrida.

— O padreiro, respira depois de ter dado extracção aos pés em miniatura.

— O rico soberbo, volta as costas ao miserável que lhe pede uma esmola para manter-se, e vai imediatamente buscar a troupe de contos de reis um bilhete para o beneficio de M. — Fitas, carteira de primeira força, ou um bouquet para M. — Faz a exame bailarina do Theatro Lyrico.

Basta...

— Passemos as notícias.

No dia 16 do corrente celebrou o Conservatorio de musica a sua sessão anniversaria na presença de Ss. Mm. II. O adiantamento de alguns de seus alunos, depõe em favor dessa instituição.

A Camara Municipal seaha de preencher uma lacuna que já muito sensível se tornava entre nos. Fallo da criação do lugar de archictecto municipal, e do Sr. Francisco Joaquim Bittencourt da Silva em quem recebiu esta nomeação. A intima amizade que me liga a este artista obriga-me a eliciar todos os elogios de que é digno, apenas lembrar-vos, leitor, que o artista que creou os manisóicos que servirão por occasião das execuções de S. M. a rainha de Portugal; o archictecto que planeou a praça de mercado da Harmonia, e mais recentemente a que se tem de edificar no Largo da Glória, não desmentira a confiança que nello depositou a II. — Camara chamando-o para exercer este honroso cargo.

No academia das Bellas-Artes foi exposto um retrato de S. M. o Imperador, pintado pelo Sr. Chaves da Motta que ha pouco chegou da Europa, onde foi estudar a pintura a expensas do Governo Paráense. Este retrato tem de ser oferecido por seu autor à província do Para, como uma prova de reconhecimento.

— Entre os diversos presentes a quem S. M. o Imperador se dignou preloar, mereceu esta graca o Sr. Manuel Moreira Lirio da Silva Carneiro.

A Camara Municipal em sessão extraordinaria aprovou as plantas e planos para as edificações da rua do Cano, e assignou o contrato para a fatura de um casar e praça de merceado no Largo da Glória, cuja empresa está affecta ao Sr. Dr. Cajueiro.

Foram appreendidos em S. Domingos alguns fardos de chapéus de palha por contrabando.

No theatro do Gymnasio representa-se o drama do Sr. Dumas ilho, intitulado — *Le Demi-monde*.

Deve-se esta bella tradução à habil pena do Sr. Zaluar, que soube conservar-lhe a mesma força de linguagem, e colorido do original.

No Lyrico está em voga a opera de Mercadante — *Horácios e Curiacos*.

Um correspondente do *Jornal do Commercio* pretendeu ha dias nullificar os esforços dos capitalistas e moradores do Porto das Caixas para a realização de uma boa estrada, que servindo para transito publico, os ponha acoberto da perigosa serra e pessimo caminho que se chama estrada principal.

Se os capitalistas mostrarem opoção a este melhoriaamento, então haveria razão da parte do correspondente em sair a campo, mas empregando-o elites para utilidade de todos não podemos atinar com a razão que o levou a rebater uma tão justa pretensão.

Acetámos os capitalistas o engenheiro que o Governo lhes indicar para o estudo da materia e execução das obras, obrigando-se a fazer todas as despesas com ella, onde existem pais e inconvenientes de uma tal ideia, alias tão digna de louvor?

— E disse.

L. A.

O ESCRIPTORIO

desta folha é na rua do Cano N.º 165, donde se devem dirigir todas as reclamações.

RIO DE JANEIRO

1856. — Typ. da rua do Cano, 165.

ACTUALIDADES.



Eduar que não ha mais cigarros.

CAZA FELIZ



*Tenha a bondade de me vender um cigarro.
Tenho só quarto.
Então alegre - a.*



au bout du fossé la culotte!!



Antes

AS ELEIÇÕES



Depois.